



VIDA

A GENTE VÉVI

Crônicas sobre invisibilidades

DUDA ALBUQUERQUE

Copyright © 2023 Duda Albuquerque

Todos os direitos desta edição são reservados à Duda Albuquerque.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a permissão por escrito do autor.

Ficha técnica

Revisão

Walter Cavalcanti

Diagramação e capa

Isa Miranda

Preparação de texto e orientação

Profa. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

ALBUQUERQUE, Duda. Vida a gente “vévi”.

Goiânia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2023.

1. Livro-reportagem, 2. Jornalismo Literário, 3. Invisibilidade social, 4. Narrativas de vidas, 5. Ciências Sociais, 6. Antropologia, 7. Goiás

Esta obra é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientada pela professora Mestra Maria Carolina Giliolli Goos. 2023

VIDA

A GENTE VÉVI

Crônicas sobre invisibilidades

DUDA ALBUQUERQUE

ORIENTAÇÃO

Profa. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, por toda força que já existe em mim, agradeço a Duda criança. Minha criança interior é a responsável por todo fôlego de vida que resta dentro de mim. Por todo o apoio emocional e pelo incentivo de continuar escrevendo em meio ao caos da rotina, agradeço ao meu melhor amigo, Fernando Quirino. Pelo reforço de continuar firme nas práticas de autoconhecimento, agradeço a Rafael Martins. Agradeço à minha orientadora Carol Goos, por ter me guiado academicamente. Reconheço todo o apoio material da minha família e sou grata.

Para todas as pessoas que precisam ser ouvidas.

Avontade de escrever um livro existe em mim desde muito nova. Quando criança, sentia que não era totalmente compreendida e ouvida pela minha família. Essa realidade fez com que me voltasse de maneira quase completa para a literatura. Era lendo que eu me sentia acolhida, sentia que pertencia a algum lugar, porque é muito difícil ser julgada por um livro.

Nas vezes que me senti julgada por algum texto ou trecho de livro, as frases me impulsionaram a melhorar e crescer como ser humano. Assumo até que foi a leitura que me tornou uma boa crítica de mim mesma. Ao longo da minha infância, diversas vezes precisei de colo e palavras de afirmações. Sem querer, a literatura e todo o seu aspecto transformador me alimentou por muito tempo enquanto estava seca de espírito. Ler alimenta a alma. E para uma criança que sentia fome de vida, a leitura foi o que me ajudou a me tornar uma líder no meu próprio caminho, sem ceder aos pensamentos negativos e aos medos que sondavam a minha realidade. Se eu realmente pudesse comprovar a existência dos anjos, diria que eles moram dentro das letras e de todo o potencial criativo da linguagem. O meu primeiro livro favorito veio em uma remessa que o meu pai (a quem eu chamarei carinhosamente de tio Júlio aqui) trouxe da escola em que trabalhava. A instituição havia fechado e os livros da biblioteca seriam jogados fora. Alguns seriam doados, então tio Júlio aproveitou, reuniu vários títulos infantis e levou para mim em casa. Lembro-me até hoje da cena dele entrando pelo portão, carregando a pilha de livros como se fosse uma tocha olímpica. Na época, sabia que era ele que estava entrando por causa do barulhinho que a chave dele fazia. Acredito até que ele chacoalhava as chaves como se fosse um ritual de anúncio de si mesmo para quando estava entrando em casa. Quando ele entrou e me entregou a pilha de livros (eram uns 60 livros), não me contive de felicidade. Foi através desse contato com os livros que pude

conhecer autores como a Ana Maria Machado e o Ziraldo. O meu livro infantil favorito se chama Pêssego, Pera, Ameixa no Pomar, e foi traduzido pela Ana Maria Machado.

O livro é sobre todos os clássicos da literatura e funciona como uma apresentação dos personagens para as crianças. Todos os personagens são divertidamente citados ao longo das páginas, e um acontecimento leva a outro, de modo que a criança leitora precisa ir identificando os personagens que ficam camuflados nas ilustrações. Esse livro infantil foi muito importante para mim porque me transmitiu a noção da importância de me expandir culturalmente, ir para todos os lugares, conhecer e explorar meu ambiente, e esse é um valor que carrego comigo até hoje. Alguns dos personagens citados nos livros são a Cinderela, os Três Ursinhos, um bebê, uma feiticeira, uma pastora, os irmãos João e Maria, e até mesmo o Robin Hood. O mais legal de toda a narrativa é perceber que mesmo que cada personagem tenha seu próprio mundo particular, todos se juntam para um grande banquete no final do livro. Para além do sonho da minha criança leitora, que almejava se tornar uma escritora e publicar um livro, sempre morou no meu peito a vontade de compreender as dores das pessoas ao meu redor. E sem medo, alcançar realidades difíceis através de um exercício empático que acolhe, respeita e sente porque vive. Com o passar dos anos, enquanto observava meu contato no colégio com as disciplinas, percebi que uma espécie de autoestima intelectual começou a brotar na minha pele durante as aulas de Redação, Literatura e Gramática. Nunca simpatizei com as aulas de Matemática e suas demais amigas de exatas, e soltava suspiros aliviados quando a diretora ou alguma outra pessoa interrompia o ritual matemático do professor para dar algum aviso ou sermão que ocupava todos os minutos da aula. Eu queria aprender qualquer coisa, menos o valor de X.

O meu objetivo comigo mesma e com este livro-reportagem é o de entrar em contato com a minha criança interior, que busca se transformar e crescer através da linguagem, para criar um exercício de cidadania ativa, promovendo uma compreensão intercultural e social, ouvindo e contando a história de pessoas que precisavam ser vistas (assim como eu precisei) na minha infância.



A pequena escritora brincando na lama | Foto: Tia Meire

— *Você acredita em Deus? - pergunta minha orientadora, Carol Goos.*

Eu não acreditava. Não no Deus da Bíblia. Mas, de acordo com a minha experiência pessoal, tinha fé na linguagem. No texto “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, Walter Benjamin enuncia que a manifestação da vida espiritual humana pode ser considerada como uma linguagem. Concebo essa afirmação como a capacidade que todo ser humano tem de criar ideias, histórias, medos e processos ilusórios.

Para Walter Benjamin, a essência linguística das coisas mora na linguagem do ser humano. Isso quer dizer que o homem comunica sua espiritualidade através de sua comunicação. Essa teoria faz sentido para mim porque, quando era criança e estava aprendendo a escrever, me sentia muito concentrada e era como se eu fosse transportada para um lugar sagrado dentro de mim mesma, cujos caminhos foram apontados pelas palavras novas que eu aprendia.

Nos entendemos espirituais enquanto desenvolvemos linguagem para elaborar nossa existência no mundo. Desse modo, posso dizer que o meu Deus é a linguagem.

“Não há um conteúdo da língua ou da linguagem; enquanto comunicação, a linguagem comunica uma essência espiritual, isto é, uma comunicabilidade pura e simples.” - Walter Benjamin.

Durante o processo de entender o meu lugar como ser humano na universidade, tive plena e absoluta certeza de que meu TCC seria um documentário sobre a Arte e que se chamaria “Retalhos em Cena”. O documentário colocaria em foco a experiência de artistas pela vida. Mantive essa ideia firme na cabeça durante o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022. No entanto,

por algum motivo, o referencial teórico não fluía e eu acabei perdendo a conexão com o projeto para o TCC. Hoje entendo que foi porque compreendi que escrever sobre o outro me transformaria em um ser humano bem integrado com as próprias verdades.

Na época, eu realmente estava apaixonada pelo audiovisual, mas desconectada da minha criança interior. O que a minha criança pedia era uma integração de habilidades que só poderia acontecer através da escrita do livro.

Compreendi que escrever o livro era minha verdadeira vontade depois do que aprendi em livro-reportagem e relatos de vida. Em uma aula sobre a importância da memória na sociedade, o professor Rogério Borges falou acerca da necessidade de o repórter atuar como uma extensão das histórias com as quais tem contato, sem desistir da narrativa. Para persistir na narrativa, o repórter precisa se identificar com o tema ou com o entrevistado. Foi aí que me senti desafiada e estimulada: decidi ir atrás da minha primeira história de extensão de mim mesma.

Depois que entendi isso, precisei abandonar toda a ideia do documentário. Com medo, abandonei-a, sabendo que seria difícil escrever um livro do zero nos meses que restavam de 2022. Eu estava disposta a começar a escrever em agosto, mas a vida acontece o tempo todo e no dia 8 de julho, perdi uma das pessoas mais importantes que cruzaram meu caminho. Gustavo tinha me apresentado Shakespeare, Clive Barker e vários autores extremamente importantes para mim. Na época em que nos conhecemos, ele mesmo era um modelo, já que era um escritor. Eu nunca tinha visto um escritor de verdade ou convivido com um. No interior, pouco se fala em processo de escrita ou de criação.

Antes de renascer mais uma vez como escritora, só que de livro-reportagem, tive que deixar morrer em mim vários vícios de escrita e da experiência que conduz a produção de conteúdo jornalístico. É muito comum que ao longo da graduação de Jornalismo, ou da rotina em redações, o *foca* (apelido dado aos jovens iniciantes no curso ou ofício jornalístico) ou o jornalista se volte apenas e completamente para os acontecimentos do centro de Goiânia ou assuntos que rodeiam a economia e a política da cidade.

Escrever um livro-reportagem é compreender que as redações também podem ser elitistas. Sendo assim, podem moldar o jornalista como um reprodutor da desigualdade social e que fortalece o sistema capitalista. O trabalho jornalístico deve estar sob constante reflexão do jornalista, caso contrário, ele pode passar a viabilizar as diferenças existentes entre diversas classes sociais. O jornalista precisa “morrer” constantemente para a industrialização da imprensa e renascer como um libertário da angulação de pautas jornalísticas, pautas estas que irão contribuir verdadeiramente para a reforma do estado democrático de direito.

Uma das principais características do livro-reportagem é a liberdade temática. Os temas que podem ser trabalhados dentro do livro-reportagem geralmente não estão dentro do escopo de pautas da imprensa. O livro-reportagem por si só é um ato de resistência contra o elitismo das redações, porque enquanto atua preenchendo as lacunas deixadas pela imprensa, tem a capacidade de transformar o leitor através da evidência de diferentes realidades.

Decidi escrever um livro-reportagem para sensibilizar meu olhar jornalístico e firmar em mim uma jornalista comprometida com a manutenção constante da democracia. O “Vida a gente vévi” é um exorcismo dos vícios deixados em mim (até o momento) pela falta de sensibilidade da imprensa e dos veículos de notícia.

Lembro-me de algumas aulas de jornalismo em rádio com a professora Denize Daudt, ainda no início do curso, e me recordo também de como ela sempre reforçava, durante as pré-produções dos roteiros para a rádio, para que a turma escrevesse como se fala. A expressão “escreva como se fala” sempre ficou na minha cabeça, porque segundo a professora Denize, era uma técnica que evitaria erros de pronúncia durante as locuções.

Para mim, a técnica sempre foi além da função de evitar erros ou gaguejos. Escrever como se fala também comunica níveis mais profundos da linguagem no ser humano. Por isso, decidi escrever no título do livro uma frase com uma palavra que foi dita por um personagem. Durante a entrevista com o Gilson, um dos meus entrevistados mais queridos, perguntei qual era seu maior sonho e ele me respondeu:

“Ah, não, meu sonho, eu desisti dele já. É ter uma casa, uma muié e vivê a vida que todo mundo vévi, né, de casal.”

A palavra “vévi”, dita por Gilmar, enquanto ele me explicava seu sonho, fez com que eu enxergasse nele um sonhador desapegado. Era como se ele fosse o Arcano 0 do tarot vivo, ali, na minha frente. O Arcano 0 do tarot se chama O Louco, e comunica a essência de um andarilho que sai pelo mundo em busca de respostas que nem ele sabe se vai conseguir encontrar. E se ele não as encontrar? O Louco segue sua jornada crente de que não precisa se preocupar com os lucros, os ganhos ou títulos; viver por si só é a sua maior potencialidade. Então, ele continua em frente, vivendo um dia de cada vez sem olhar para trás. Este livro canaliza um pouco da essência do Louco, uma vez que retrata minha experiência como repórter de sair pela cidade de Goiânia atrás de respostas que talvez nunca serão respondidas. Por isso, o título se chama *“Vida a gente ‘Vévi’”*.



“O nascimento do leitor deve ser o custo da morte do autor”

- *Roland Barthes*

- 05 - AGRADECIMENTOS
- 06 - DEDICATÓRIA
- 07 - APRESENTAÇÃO
- 10 - MEMORIAL REFLEXIVO
- 17 - O HOMEM QUE SONHA
- 22 - PAÇOQUINHA
- 29 - ENTREVISTA COM A FOME
- 30 - DJ GARI
- 34 - O MENINO E OS BALÕES
- 40 - PARADIGMA DO AZUL
- 44 - MENINA DOS OLHOS AZULADOS
- 47 - PEDAGOGIA DO CIRCO
- 53 - AGRADECIMENTOS AOS PERSONAGENS

Era sábado, dia 02 de abril, e eu estava com muito sono. No entanto, não podia falhar na missão que havia imposto a mim mesma: conseguir uma personalidade “interessante” para realizar a atividade da disciplina de Jornalismo Contemporâneo. A atividade era simples: entrevistar uma personalidade que contasse sobre parte da sua vida ou um episódio vivido por ela.

Por ser uma pessoa perfeccionista, a simplicidade me incomoda em algumas circunstâncias, e sem querer, me vi entre devaneios de grandeza, pensando em pessoas “importantes” demais. Empaquei. Então, fiz o de costume quando preciso clarear a mente e renovar as ideias. Arrastei-me até o Vaca Brava, que se localiza nas proximidades de onde moro, e me direcionei até um Café que fica em frente ao parque. Pedi um “coado” para levar e ir tomando enquanto caminhava ao redor do parque.

Ao longo da minha caminhada, comecei a perceber que alguma coisa me chamava. Não sabia bem o que era, e involuntariamente senti que meus olhos começaram a procurar alguma coisa. Então, avistei um sujeito muito descontraído esparramado pela grama. Ele estava sentado em cima de uma espécie de plástico, seus pés descalços eram bem sujos e um deles estava enrolado em uma faixa. Dirigi-me até ele, que notou minha proximidade e me recebeu de maneira tranquila. Decidi que o entrevistaria, já que uma pontinha de identificação permeava o ambiente entre eu e ele.

Gilmar de Oliveira Batista nasceu em Trindade, dia 1 de janeiro de 1984, mas “se criou” na cidade de Fortaleza. Estudou até a sétima série na Escola Estadual Pedro Neca, e ao que tudo indica, as dificuldades não permitiram que ele desse continuidade aos seus estudos. Gilmar relatou que é uma pessoa em situação de rua há 15 anos, e durante todo esse período, passou por várias adversidades. Uma delas é a dificuldade de se alimentar diariamente. Para gente

como Gilmar, o alimento é tão incerto quanto o tipo de tratamento que recebe das pessoas a seu redor.

Comer? Só depois das 14h30. Em Goiânia, os restaurantes só disponibilizam as sobras de comida lá para o meio da tarde. Gilmar contou que, para lanchar, precisa andar muito. Não é toda padaria ou lanchonete que está de portas abertas para entregar as sobras dos quitutes para pessoas em situação de rua. A maioria vai para o lixo: é lá que o Gilmar garimpa seu lanche quando sente fome à tarde.

Gilmar interrompe minha pergunta e conta com bastante alegria que, especialmente naquele sábado, teve sorte porque acordou cedo e encontrou com um rapaz que deu para ele suco, bolo e pão de queijo. A pandemia para Gilmar foi muito difícil. Relatou que normalmente as pessoas não se aproximam dele para nada e que com o vírus, todo mundo ficou impenetrável a seu redor para qualquer tipo de coisa. Não dava para se aproximar ou pedir comida; a fome acabou se tornando sua maior parceira ao longo dos dias.

Como uma pessoa notadamente posta à margem da sociedade, testemunha a realidade de não ter canto ou acolhimento. Cada dia dorme em um lugar diferente, sem previsão ou garantia de segurança. Percebo que seu peito enche de entusiasmo, e então ele solta que gostou de dormir na grama do Vaca Brava e que pretende fazer dela sua cama mais uma vez, mas que só não pode chover. Pergunto se ele não se incomoda de estar rodeado das pessoas que frequentam o Setor Bueno, e ele responde que não se incomoda, e que se sente bem porque as pessoas em situações de rua que frequentam o Bueno não costumam usar drogas. Gilmar afirma que não usa nenhum tipo de substância, não bebe cerveja e busca distância das confusões protagonizadas por “gente com vício”.

Nos arredores do Jardim América e do Bueno, segundo Gilson, não existem pessoas que vendem drogas, mas que, lá no Centro, as pessoas em situação de rua vendem na frente da polícia e que é perigoso dormir por lá. Por isso, Gilmar sempre “caça um cantinho mais mió” para deitar.

Quando perguntei sobre sua família, Gilmar revela de maneira muito descontraída que perdeu seu pai quando tinha um ano de idade. Foi a partir daí que

sua mãe se tornou uma andarilha que vivia viajando com os filhos. De maneira nostálgica, resgatou como sua mãe ainda é sofredora; além de ter andado muito tempo sem rumo, possui várias complicações na saúde, como problemas no coração, diabetes e pressão alta.

Atualmente, quem cuida da mãe são os irmãos mais velhos de Gilmar e seu padrasto. Ele desabafa que sente falta da família, mas que “vai indo desse jeito”. Para ele, a vida que vive é essa e não tem muito o que fazer. Perguntei o que ele via de bom em si mesmo, e Gilson diz que é um cara de coração bom.

“Eu sou bom de coração. Se eu vê uma discussão, um baguio, eu tento entrar pra poder não brigar, esses trem. Não deixo “uzoto” brigá, se eu vê uma pessoa falando mal do outro, eu tento entrar pra não deixar falar.”

Em relação aos preconceitos, Gilmar avalia que leva na esportiva. Sai, finge que não estão falando com ele, porque “a língua é o chicote do corpo” e ele busca se proteger de toda a negatividade ao seu redor. Como qualquer ser humano, Gilmar tem um sonho, e tentou diversas vezes realizá-lo.

“Ah, não, meu sonho, eu desisti dele já. É ter uma casa, uma muié e vivê a vida que todo mundo vévi, né, de casal. Arrumei duas muié e não deu certo. Na época, eu tinha casa, tinha tudo. Dei minha casa para o meu “subrim” mora lá no Independência, minha mãe comprô uma casa e deu pra nós. Dei a casa para o meu “subrim” porque gosto demais dele. Meu “subrim” mais velho, ele é homossexual. Ele faz programa, vai lá pra Brasília, Minas Gerais, São Paulo.”

Gilmar diz que se pudesse pedir alguma coisa para Deus, pediria para mudar de vida. Segundo ele, só continua pedindo dinheiro e comida porque sente fome. Pede porque está sem, porque quando está de barriga cheia, está tranquilo.

Enquanto a entrevista chegava ao fim, sentia dentro de mim como se todo ser humano carregasse dentro de si algo que nunca morre. Alguns chamam de esperança, força de espírito, “essência” ou centelha divina. Eu entendo como fé

na sobrevivência, apesar de uma realidade cheia de incertezas. Essa fé na sobrevivência é o que guia as pessoas através das lutas, guerras, pandemias, conflitos internos e externos, e o que motiva gente como Gilmar a continuar de pé pelas ruas de Goiânia, sem garantia do amanhã. Não sei se Deus existe. Não sei se ele é onipotente, onisciente e onipresente, ou se é capaz de criar uma pedra que não consegue carregar. No entanto, terminei a entrevista com a sensação de que o ser humano pode ser seu próprio Deus, mesmo em meio a tantas dificuldades.

Alguns dias depois de ter encontrado Gilmar, comecei a ir ao Vaca Brava pelo menos uma vez na semana para ver se o encontrava novamente. Não tive sucesso em minhas tentativas – o que me levou a acreditar que o Gilmar é realmente uma pessoa da vida, sabe? Pode ser que eu nunca mais o encontre em Goiânia e tudo bem. O legado desse encontro é a troca que tivemos, e isso basta.

Eu havia andado por cerca de uma hora no parque e já era 11h30. O estômago roncava, a fome falava mais alto e para resolver isso, me direcionei até algum restaurante. A praça de alimentação estava cheia e o trânsito de pessoas barulhentas me deixava um pouco zozna. Tinha gente falando no celular enquanto comia, casal andando de mãos dadas, uma mãe empurrando um carrinho de bebê, uma garotinha correndo em volta de um conjunto de mesas, menino chorando e um grupo enorme de adolescentes lanchando sanduíches do Burguer King e rindo à toa.

Toda a movimentação clássica do shopping se constituía através das pessoas que preenchiam o lugar com movimentos previsíveis e irritadiços. Todos pareciam concentrados na impaciência de fazer o que precisava ser feito e sair dali. Eu era a garota de 1.57, cabelos castanhos amarrados em um rabo despretado e roupa de academia.

Cheguei até o restaurante, me servi, comecei a andar enquanto procurava uma mesa e me desviava dos transeuntes impacientes. Puxei a cadeira, me sentei, tirei a bolsa que estava atravessada em meu dorso e coloquei na cadeira que estava ao lado. Enquanto removia o plástico que envolvia os talheres, pude notar que uma bebê se aproximava da minha mesa em passos desajeitados.

Quando levantei a cabeça para enxergar o que estava à minha frente, uma menina veio em seguida, pegando na mão da pequena, e se aproximou junto com ela. Fez uma pausa, ajeitou o cabelo, me olhou, estendeu a mão que segurava um pote de paçoquinhas e perguntou:

— Moça, me ajuda a comprar leite e fralda para a minha nenê?

Quase nunca ando com moedas e estava sem internet para fazer Pix. Abri a bolsa, vasculhei todas as cavidades e encontrei 50 centavos. Foi o que pude entregar. Ela agradeceu e foi com a nenê pedir ajuda para as mesas ao redor.

Dei continuidade ao que estava fazendo. A moça ficou na praça de alimentação até eu terminar de comer. Então, segui minha intuição e fui atrás dela. Perguntei se tinha celular e ela me confirmou que sim, então questionei seu nome e pedi o número para manter contato e ajudar no que fosse possível.

No dia seguinte, mandei um “oi”, disse como me chamava, me coloquei à disposição e perguntei se poderíamos marcar um dia para conversar. Gisele concordou com a ideia e eu fiquei feliz pela abertura.

Uma semana depois de ter entrado em contato, começou a fazer frio em Goiânia e confesso que pensava bastante na Gisele e na bebê. Um dia após ser registrada a temperatura mais baixa em Goiânia desde 1977, entrei em contato com Gisele pelo WhatsApp e perguntei se ela estaria pela praça de alimentação do shopping naquele mesmo dia ou no dia seguinte. Comentei que tinha separado uns agasalhos e que gostaria de entregar a ela.

Gisele disse que poderia me encontrar no dia seguinte no Vaca Brava. O compromisso estava marcado e fui dormir já me perguntando se elas estavam bem. Na manhã seguinte, acordei, troquei de roupa, vesti meu casaco azul e tomei café da manhã. Separei três agasalhos e os coloquei dentro de uma sacola azul. Era uma manhã muito fria, o sol estava morno e as pessoas andavam pela rua de maneira preguiçosa.

Desci do carro segurando o saco azul com os agasalhos e fui andando ao redor do parque para ver se encontrava Gisele. Eu a procurei por uns dez minutos e comecei a me cansar de segurar o saco. Pedi para que um senhorzinho, em uma dessas barraquinhas que vendem água de coco, olhasse o saco azul por um tempo para que eu fosse mais longe no parque e procurasse pela Gisele e sua filhinha.

Andei um pouco, comecei a chegar perto de uma esquina que ficava no cruzamento do sinaleiro e avistei uma criança pequena andando sozinha. Logo percebi que era a menina da Gisele e pude reconhecê-la logo à frente da bebê. Algo que notei de início foi que raramente Geovana segurava a menina no colo, e só fui entender o motivo quando me aproximei para cumprimentá-la e reparei

que ela estava grávida. A gravidez foi um fator que não percebi no primeiro contato, não sei bem o porquê. Talvez ela estivesse usando uma roupa que escondesse a barriga, ou talvez eu não tenha olhado para além de seu rosto.

Depois de cumprimentá-la, comentei que havia deixado os agasalhos em uma banquinha enquanto as procurava, que retornaria para buscá-los e que logo estaria de volta ali. Gisele disse que tudo bem, que enquanto isso, iria ao banheiro em uma lojinha em frente ao local onde estávamos.

Comecei a minha peregrinação de volta aos casacos enquanto refletia sobre toda a situação. Ter percebido o motivo pelo qual ela não carregava a filha no colo me deixou um pouco mexida. Afinal, carregar um bebê na barriga — mais peso extra — empunhando um pote de paçoquinhas na mão direita não deve ser nem um pouco agradável.

Peguei os casacos, fiz o caminho de volta e notei que tinha uma terceira pessoa com elas; era um menino. Bem, ele parecia um menino, porque usava um chapéu de cachorrinho que o deixava com um ar lúdico e despreocupado. Sentei ao lado dos três e perguntei:

— Esse é seu marido?

— Sim.

Gisele respondia de maneira bem direta e sem se estender.

— Qual o nome da bebê?

— É Heloísa.

— Quantos anos ela tem?

— Um ano e quatro meses.

Entreguei os casacos, expliquei que todos foram usados poucas vezes e que tinha um bem quente, parecido com o que eu estava usando no dia. Ela me olhou, pegou o saco azul e agradeceu. Então, pedi para que me contasse sobre a sua história. Gisele fez uma pausa, respirou fundo e me olhou como se o que estivesse prestes a dizer não fosse grande coisa.

Gisele Ferreira da Silva, nasceu em Goiânia, dia 25 de maio de 2004, e é a filha mais velha de duas irmãs. Gisele contou que a mãe nunca ligou para ela e para as irmãs, e que por isso, desde muito jovem, ela passou fome e necessidades básicas de diversos tipos. Pela forma com que Gisele contou, entendi como se a fome tivesse sido mais dolorosa do que o abandono da mãe.

Quando criança, já que a mãe vivia “na rua”, Gisele tinha que pedir comida para os vizinhos e pessoas próximas. Além de si mesma, ela se preocupava com as irmãs. A ajuda que ela recebia era mínima, e toda e qualquer comida (mesmo que pouca) era dividida entre ela e as irmãs.

Depois disso, Gisele foi morar com a tia, mas não deu muito certo. Ela e a tia se desentendiam constantemente. Foi a partir desse momento que Geovana decidiu ir trabalhar nas ruas. Trabalhando nas ruas, aos 16 anos, ela conheceu o pai da Heloísa, engravidou dele e os dois foram morar juntos.

Fiz uma pausa e perguntei:

— O pai da Heloísa? Não é esse que estava aqui?

— Não, é outro.

— O que aconteceu com ele?

— Morreu.

— Morreu de quê?

— De tiro, pela polícia. Estava roubando.

Gisele olhou para baixo e pude perceber que seus olhos se encheram de água. Para não deixá-la muito sensível, decidi perguntar sobre o bebê que estava carregando.

— E essa bebê? Como se chama?

— É menino, João Felipe.

— Vocês queriam esse filho?

— Sim, bastante.

Enquanto eu conversava com Gisele, Heloísa andava de um lado para o outro, subia e descia do banco onde estávamos. Ela era verdadeiramente inquieta, como toda criança saudável, apesar do olhar triste que seu pequeno rosto sustentava. Em uma de suas aventuras de subir e descer do banco, ela derrubou uma caixa de papelão e montou em cima dela.

Heloísa brincava com a caixa de papelão e parecia muito entretida com a atividade. Gisele aproveitou o momento em que a bebê estava focada e continuou conversando comigo. Contou que acreditava em “milagres”, e que depois que ganhasse seu “fio”, desejava ter um emprego fixo para conseguir construir uma casa. Gisele quer deixar uma casa para que seus filhos não fiquem na rua, como ela ficou.

Perguntei para Gisele por que ela sempre ficava pelo Vaca Brava e pelo Goiânia Shopping. Ela contou que prefere o setor Bueno, porque recebe mais ajuda. E faz sentido, visto que essa região fica em um local de alto padrão em Goiânia. Gisele e sua família moram em Goianira e fazem o trajeto de ida e volta de transporte público.

Já havíamos conversado por vários minutos, e senti que Gisele estava querendo retomar as atividades do seu trabalho. Assim, nos despedimos. Perguntei para ela quando nos encontraríamos novamente, e Geovana respondeu:

— É só marcar o dia.

Levantei do banco com sentimentos mistos. Sentia-me mal por saber que Gisele, com 18 anos, já havia enfrentado tanta barra na vida. Eu, com 18, só tinha que me preocupar com os estudos, e ainda assim reclamava.

Dirigi-me até a praça de alimentação; alguns minutos se passaram e enquanto finalizava um lanche, Gisele apareceu na minha frente me dando oi. Logo que fui responder, notei que atrás dela havia uma figura de preto. Era uma segurança do shopping. Contudo, a segurança não estava observando Geovana de longe, ela estava acompanhando a menina enquanto ela pedia ajuda nas mesas e oferecia paçoquinha.

Achei estranho. Da última vez que a vi na praça de alimentação, não estava sendo seguida. Fiquei tocada com toda a cena porque a segurança chamava muita atenção, e todos olhavam para Gisele, que estava visivelmente constrangida. Gisele carregava Heloísa no colo, provavelmente porque ordenaram que ela não andasse com a criança no chão.

Pessoas marginalizadas são apartadas por não se encaixarem nas normas sociais, políticas e econômicas da sociedade. Meninas como Gisele são excluídas por terem que lidar face a face com a pobreza e jamais serão totalmente acolhidas em espaços como o do Goiânia Shopping.

Toda essa situação me faz acreditar que se o Goiânia Shopping fosse uma pessoa, ele seria o pai da família tradicional brasileira, com suas células perfeitamente alinhadas ao preconceito, mãos longas o suficiente para tapar os olhos, a boca e os ouvidos das mulheres do núcleo familiar, e uma língua bem comprida para sufocar lentamente qualquer um que tentar chegar perto. A barriga do homem branco que corre pelas veias do Goiânia Shopping seria como o estômago de um rei perverso que nunca está satisfeito com o que acumula, e suas pernas seriam curtas o suficiente para esconder as mentiras de um temperamento de alguém que permite, mas não sem antes constranger os menos favorecidos.

MICROCRÔNICA: ENTREVISTA COM A FOME

A fome fala.

A miséria existe através de movimentos limitantes que gritam nas vísceras do Brasil. Só escuta quem enxerga e sente a chaga. Como sei disso?

A fome falou comigo.

Era uma noite fresca para Goiânia no início de outubro, e eu estava sentada no banco de uma praça.

De repente, lá de longe, vejo uma figura disforme descendo a rua escura. A luz do poste da esquina não era o suficiente para iluminar aquele ser. Quando os contornos começaram a ganhar sentido na minha cabeça, percebi que se tratava de uma pessoa carregando um saco preto por cima do ombro.

Ela vestia trajes sujos, chinelos surrados, e tinha uma feição esmaecida. Ao aproximar-se, perguntei se podia me contar um pouquinho da sua história, e a resposta foi:

“Vou falar um negócio pra você.

Eu queria tanto contar, mas estou tão cansada e com tanta fome, que se tivesse uma vaca aqui, eu comeria ela inteirinha.”

Segundo Valdeci Nascimento, ele foi um menino normal na sua infância. Gostava de empinar pipa e jogar bola. Em sua paixão pelo futebol, se descobriu torcedor fanático do “Dragão”. O contato com o futebol começou quando um tio atleticano passou a levá-lo junto de seus dois filhos pequenos (primos de Valdeci) para o estádio, todo domingo. O tio faleceu, mas o ritual de ir ao estádio aos domingos continua firme. Atualmente, Valdeci leva seu neto pra construir novas memórias com o Atlético nos campos de futebol.

Como um legítimo garoto goianiense, rendeu-se aos feitiços do dragão vermelho do centro-oeste, hipnotizado pela bola girando no gramado verde; alinhou seu coração ao time, selando assim grande parte das boas memórias da infância nas dobras das grades de ferro de alguns estádios de Goiás. O peso da representatividade afetiva do Atlético no coração dos goianos é muito grande, isso é fato. Por isso, não me surpreendi ao ver as paredes da casa de Valdeci forradas por quadros de jogadores que atuaram no Atlético ao longo dos anos. Para Valdeci, o Atlético é um time “familiar”, e a grande vantagem disso é o fato de que ele se sente à vontade para levar crianças e familiares aos jogos, pois sabe que não haverá briga. Ele também enfatizou a diferença entre a torcida do Goiás e do Atlético: a do Goiás vai para brigar e a do Atlético para torcer pacificamente. Valdeci contou que sua nora era são-paulina “roxa”, mas virou atleticana depois de assistir um jogo, porque achou a torcida ótima e se encantou com o estádio.

Além de atleticano do fio de cabelo até a ponta do pé, Valdeci é comurgueiro há 29 anos. Recém-casado, começou a trabalhar na Comurg em uma vaga temporária porque estava desempregado. Foi o cunhado que trabalhava lá dentro que levou Valdeci para a companhia de urbanização de Goiânia. Ele trabalhou na Comurg por sete anos sem concurso e com carteira assinada, mas devido a uma nova lei federal instituída pelo Henrique Meireles (político goiano),

em meados de 2019, Valdeci foi mandado embora da Comurg e só poderia retornar para lá caso fizesse concurso público. Depois de ter ganhado as contas, o comurgueiro se dedicou provisoriamente em uma confecção como “office boy”. Lá, cortava tecidos e fazia serviços gerais. Um tempo depois, abriu um concurso para a Comurg; Valdeci fez a prova, passou e voltou a trabalhar como gari. Para dar conta do recado dentro da casa, cuidando da mulher e dos filhos, ele trabalhava na confecção de dia e como gari à noite.

Como gari, o que ele mais gosta na Comurg são as amizades, e foram elas que o fizeram retornar para a companhia de urbanização. O carinho dos colegas de trabalho é o que cativa ao longo da rotina. Para Valdeci, o sobrenome da Comurg é amizade. Em Goiânia, as pessoas falam muito mal da Comurg, mas a companhia também tem o seu lado bom. Como Valdeci passa mais tempo trabalhando como gari do que com a família, constata que pode falar com propriedade sobre o lado bom do ambiente da coleta.

“O que eu mais gosto na Comurg são as ‘mizades’, o carinho que o pessoal tem pela gente. Pra mim, a Comurg é uma segunda família.” – Valdeci Nascimento

Conforme íamos nos familiarizando, perguntei sobre seu maior hobby. A grande paixão de Valdeci é a discotecagem, e ele teve seu primeiro contato com suas bandas favoritas entre os 15 e 16 anos. Na época, o comurgueiro morava no setor Sudoeste, que era repleto das famosas “festinhas porta aberta”, reuniões das quais qualquer pessoa poderia participar.

“Eu juntava uma turma de amigos, todo sábado, tomava banho de noite, vestia uma roupa ‘bunita’ e ia caçar festinha. Às vezes, eu tava numa festa e eles falavam: ‘Ow, tem um sonzão baum lá em cima.’. Tinha veis que cê achava quatro, cinco festas no setor Sudoeste. Não era que nem essas festas de hoje, era porta aberta. Qualquer um podia chegar e entrar.”

Foi andando com os amigos pelas festinhas do Sudoeste que Valdeci construiu seu gosto pela música e pela discotecagem. Depois de frequentar as “festas porta aberta”, ele começou a ir nas discotecas de Goiânia. Na Avenida

Tocantins, tinha uma que se chamava “Number One”, mas ele também frequentava a Tucano’s Clube e o Clube Social Feminino.

Depois disso, junto com seu cumpadi Duba, Valdeci comprou um toca-discos Sharp Rp 31. A partir daí, os dois começaram a colecionar discos e a documentar memórias. Em meados de 1985, abriram uma discoteca que se chamava Canedo’s Clube, no centro de Goiânia. Atualmente, o estabelecimento que ocupa a antiga discoteca dos dois amigos é um cinema para adultos conhecido por Cine Fênix, na Avenida Goiás.

Hoje, o comurgueiro e Dj coleciona cerca de três mil discos e vários toca-discos. Além de trabalhar na Comurg, Valdeci faz discotecagem e tira um dinheiro extra. As festas lotam e ele sempre é contratado para tocar novamente.

O que despertou em Valdeci a vontade de se tornar Dj foi o sentimento que as pistas cheias de pessoas transmitem a ele. Ver o Dj numa discotecagem cheio de “moral” com as meninas foi algo que influenciou também. Hoje, o amor de Valdeci pelas músicas se transformou em uma pintura na alma, eternizando a sua juventude em uma discoteca interna.

Ao reparar na maneira que Valdeci colocava a agulha sobre o bolachão, tive a impressão de que os discos são uma maneira de resgatar um passado ainda latente que atravessa as paredes do tempo e das gerações, se projeta nas caixas de som e dá vida às diversas versões que Valdeci já foi, é, e ainda virá a se tornar todas as vezes que relembra a felicidade de estar nas pistas de dança aos 16 anos.

Música é vibração. A melodia tem o poder de nos transmitir sensações boas, ruins, e até mesmo nos transportar para lugares completamente desconhecidos. Perdi as contas de quantas vezes apenas uma música conseguiu compreender o momento em que eu estava atravessando em certas fases da minha vida. Músicas conseguem compreender muito mais do que as pessoas. Não consigo me imaginar sem conseguir ouvir os meus álbuns de músicas favoritos.

Aos 8 anos, tive o primeiro contato com o metal através de algumas melodias do Slipknot e isso transformou tudo o que eu viria a escutar posteriormente na vida. Lembro-me como se fosse ontem, um primo estava para trocar de mp3 e me deu o aparelho antigo cheio de músicas diferentes para uma criança de 8 anos. No entanto, agradeço a ele por ter realizado a façanha de me repassar o mp3 antigo recheado de ritmos malucos.

Na playlist tinha Evanescence, Gorillaz, Red Hot Chilli Peppers, Linkin Park e muitas outras bandas de rock que estavam no auge daquela época, meados de 2008. Demorei a me adaptar às novidades, porque o que eu ouvia se limitava ao sertanejo e à mpb que meus pais colocavam no aparelho de som. Fora isso, o máximo que minha criança fazia era colocar o CD do Sílvio Santos, onde ele contava a história do João e o Pé de Feijão. E a mini Duda já estava cansada de escutar sobre feijões mágicos.

Sinto até hoje como foi entrar em contato com as bandas de rock, porque elas me compreendiam como ninguém havia feito antes. Era diferente e só meu, pois quando colocava os fones, tudo o que era externo enfraquecia. Restava só a mim, meus sentimentos e os minutos que me aproximavam de descobertas que já moravam debaixo da minha pele – eu só não sabia.

Um dia desses, estava passeando pela Leitura, que é uma das minhas livrarias favoritas, e quando vi, tomei um susto ao notar que todos os CD's estavam em promoção. Muitos carregavam um gigantesco selo vermelho que gritava em ultimato R\$ 10,00. Outros já tinham o destino definido e faziam morada em grandes caixas. Será que o algoritmo do Spotify traz a mesma sensação de comprar um CD e escutar um álbum inteiro, ou o futuro é das músicas soltas e distribuídas pelo algoritmo aleatório?

Senti um pouco de medo. No entanto, logo espantei o sentimento, porque uma certeza é de que os hábitos se transformam através das gerações, e não quero ser como pessoas mais velhas, que profanam o inevitável através da frase “no meu tempo era melhor”, ou “tive adolescência porque brincava na rua e tinha um walkman”. Não quero acreditar que as minhas experiências devem ser as mesmas para todo mundo só porque me senti bem e feliz ao realizá-las.

Apesar de cultivar imenso fascínio por rock e variações de metal, me considero eclética — para músicas e experiências. Por isso, decidi ir a um concerto adaptado para surdos, pois estava curiosa em descobrir como seria a abordagem da orquestra através da intenção de incluir os deficientes auditivos.

Chegando lá, achei o lugar mais cheio do que esperava. Subi os vários lances de escada, passei por uma porta, andei pela rampa de um corredor escuro e dei alguns passos em direção à luz. No final do túnel, tinha um intérprete segurando balões. Prontamente, ele me entregou uma das bexigas; fiquei sem entender de primeira, mas peguei a bola de látex e me dirigi até o assento mais próximo.

Olhei para o lado e as outras pessoas também estavam segurando balões de diversas cores. Alguns minutos depois, a regente da banda (ou maestrina, feminino da palavra maestro) veio abrir o evento e explicar a função das bexigas distribuídas na entrada. Segundo ela, os balões serviriam como receptores da vibração.

Os músicos se prepararam e poucos minutos depois, iniciaram. Comecei a prestar atenção nas minhas mãos e pude notar que sentia a vibração dos instrumentos subindo pelas pontas dos meus dedos, atravessando meus braços e chegando ao coração.

Já fui em algumas orquestras antes, mas nunca havia passado por isso. O máximo que senti fisicamente foi o peito enchendo de afeto e se expandindo nos solos de algumas músicas clássicas. Mas, dessa vez, foi diferente, pude sentir o caminho que a música fez até chegar no meu peito.

Na minha frente, tinham três pessoas sentadas. Uma mulher e dois homens. A moça conversava com o amigo do seu lado, utilizando linguagem de sinais. Em determinado momento, um deles sentou no chão e tomou carinhosamente a bexiga das mãos da amiga para colocar entre as pernas. Então, ele ficou sentado com uma bexiga nas mãos e outra entre as pernas. Alguns segundos depois, esse mesmo amigo tirou os sapatos para ficar descalço e logo deduzi que ele seria deficiente auditivo. Continuei observando.

Mesmo atento ao que acontecia no palco, com as mãos coladas na bexiga, ele era inquieto e visivelmente extrovertido. Senti-me curiosa ao perceber toda a animação e empolgação dele. Era fácil de perceber que dentro dele queimava uma fogueira que jamais seria apagada. No final das músicas, na hora de bater palmas, as palmas dele eram as mais ensurdecedoras, mesmo sem fazer barulho. Para bater palmas em libras, precisamos levantar os braços e girar as mãos freneticamente, e ele fazia isso com muita vontade. Confesso que nunca vi mãos requebrarem tanto. E, por um segundo, era como se o garoto sambasse na minha mente de tanta alegria.

Quando a primeira parte do concerto se encerrou, cutuquei a menina que estava na minha frente e perguntei seu nome.

— Oi, tudo bem? Sou a Duda. Qual o seu nome?

— Oi, é Beatriz.

— Então, Beatriz, estou escrevendo um livro e queria saber se posso conversar com seu amigo. Notei que ele é surdo e gostaria de entender sobre a experiência dele aqui, hoje.

— Ah, sim, claro! Ele é surdo, mas é oralizado. Vou perguntar se ele quer falar com você.

Beatriz fez uma pausa e logo perguntou para Thiago se ele poderia me relatar a sua experiência. Thiago concordou e Beatriz veio me dizer que eles desceriam para o palco para a segunda parte da apresentação, mas que assim que finalizassem por lá, procurariam por mim.

Fiquei sentada na plateia superior observando o movimento. A segunda parte do musical era uma experiência que foi pensada para ampliar as percepções dos surdos. No palco se concentraram três músicos, com instrumentos musicais diferentes, que faziam sons para que os deficientes auditivos pudessem encostar a bexiga e sentir as vibrações com maior intensidade.

O evento terminou. Na sequência, Beatriz e Thiago vieram a meu encontro. Tive o primeiro contato com o Thiago; me apresentei, fiz algumas perguntas e peguei o seu número de celular. Thiago ditou todos os números e pude compreender perfeitamente.

Thiago Pernés tem 37 anos e perdeu a audição completa aos 12. Segundo ele, não existe explicação para a perda. É hereditária. A mãe de Thiago, sua irmã, duas tias e primas perderam a audição na pré-adolescência. Para ele, o DNA esperar 10/15 anos para “causar” a surdez é um mistério que ninguém explica.

Thiago sempre foi apaixonado por música. Quando era criança, vivia escutando música o tempo todo, e era um grande fã de Sandy e Júnior. Mas, durante o período em que estava perdendo a audição, sua vontade de escutar e conhecer novas canções foi embora. Para ele, a iniciativa da orquestra foi como uma forma de não perder a esperança em seu amor pela música. Depois que Thiago me contou isso, para mim, os balões se transformaram automaticamente em diversas fagulhas de esperança decorando o teatro.

Perguntei para Thiago quais eram suas músicas favoritas da infância e adolescência. Ele citou Não Dá Para Não Pensar Em Você (Sandy e Júnior) e Agora só Falta Você (Rita Lee). Escutei as músicas novamente para ter certeza de que as conhecia, e a impressão que tive é de que elas falam muito sobre Thiago: romântico, esperançoso, cheio de brilho e sem medo de seguir em frente.

Hoje, Thiago é blogueiro, muito ativo no Instagram, militante pelos direitos das pessoas com deficiências e obstinado em seus objetivos. Diariamente, através de postagens e fotos divertidas, tenta levar para o mundo um pouquinho de sua esperança e brilho no intuito de facilitar a vida para os que virão depois dele.



Thiago Perné: Colecionador de belezas silenciosas | Foto: Reprodução

A menina Luísa, de 18 anos, conta que nem sempre se sentiu bonita. Para ela, a beleza era como uma cesta succulenta de frutas frescas. Observar os pêssegos, o brilho das nectarinas, as cores das maçãs e imaginar o gosto das uvas desmanchando em sua língua fazia com que sua boca se enchesse de água. No entanto, a cesta de frutas estava presa dentro de um baú trancado a cadeado, deixado dentro do local onde ela morava com seus pais. E a chave? Foi engolida pelo cachorro da casa. Ninguém sabe sobre o paradeiro.

Ao longo de nossa conversa, Luísa expõe que foi expulsa do lar onde foi criada, porque para os pais a adolescente virou menina “do nada”. A família de Luísa é muito simples, nasceu em Aparecida de Goiânia, no interior de Goiás. Quando estava na barriga de sua mãe, Luísa foi gestada através das expectativas dos pais e da sociedade goiana, que a esperavam com o enxoval azul trincando para um futuro de menino. Mas Luísa quebrou o paradigma do azul que morava na crença de seus pais.

Aos 13 anos, começou a compreender algo que sempre existiu dentro de si. Internamente, pairava nela uma essência diferente do arquétipo que a vestia do lado de fora. Quando completou 14 anos, posicionou-se para os pais como mulher e ambos negaram a identificação de Luísa com o gênero feminino. Mas existe uma sombra na sociedade que é mais forte que a vontade genuína das pessoas trans em ser o que são de verdade.

A sociedade brasileira ignora completamente a existência de mulheres transexuais. Um forte exemplo disso é o fato de que campanhas publicitárias pensadas para o dia 8 de março (Dia Internacional Da Mulher) não incluem mulheres trans e mulheres que passam por situação de vulnerabilidade social. A história da civilização é, principalmente, sobre a dominação da natureza, a luta de classes e sobre o silenciamento da mulher. Gênero não é apenas um nome utilizado para designar e separar o masculino do feminino. O gênero é uma classificação cultural construída na divisão de trabalhos entre os sexos e que legitima

a desigualdade e o domínio. Luísa conta que sentiu muita dificuldade para arrumar emprego quando teve que ir embora da casa dos pais, e que se sua tia não lhe tivesse acolhido, estaria morando na rua.

“Acho que tive que amadurecer muito cedo para lidar com essas coisas. Meus pais nunca entenderam e não entendem. Deve ser por isso que me tiraram de casa. Ainda bem que não sou viciada, porque se fosse, estaria muito na merda. Estou morando com minha tia no momento.”

Uma pontada de alívio se manifestou em mim quando Luísa contou que estava morando com a tia. Arrepiei-me de imaginar o que ela poderia estar passando se estivesse morando nas ruas.

“Estou bem, ainda bem. Se eu não tivesse lugar, ficaria na rua e até me prostituiria, porque eu já tentei muito, muito mesmo, ter um emprego. Mas, aparentemente, nem retornar eles retornam. Provavelmente é por causa dos meus documentos.”

Luísa não possui o registro de seu nome social e por isso enfrenta diversos desafios. No dia primeiro de março de 2018, o STF decidiu que transgêneros poderiam mudar o nome no registro civil sem passar pela cirurgia de troca de sexo. Mesmo com políticas públicas que facilitam a troca do nome no registro civil, nem todas as pessoas trans se sentem prontas para realizar a solicitação. Como é o exemplo de Luísa, que não solicitou a mudança de nome nos documentos porque seus pais não conseguem entender a sua realidade.

Luísa conta que todos dizem que ela é “passável”. A passabilidade é um termo de reconhecimento utilizado para designar a pessoa trans (que transicionou ou que está em transição) como pertencente ao gênero para o qual está transicionando.

PERGUNTO PARA LUÍSA:

- O que seria “passável” para você?
- Parecer com *mulher cis*.

Uma pessoa cisgênero é aquela que se identifica e, portanto, se parece com o gênero biológico em que nasceu. São as pessoas que a sociedade aceita

e considera como “normais”, apenas pelo ato de existir com uma genitália específica e se identificarem com toda a bagagem cultural e social do gênero em que nasceram.

— Você se acha uma mulher bonita?

— Não. Às vezes acho que sou sequelada da cabeça. As pessoas pisam tanto em mim que, independente do que eu faça, nunca vou me achar bonita de verdade.

Depois da frase, Luísa se lembrou de um episódio que aconteceu com ela aos 17 anos e começou a narrá-lo. Ela estava voltando de uma festa e estava linda, usando um vestido branco brilhante. Luísa afirmou, excepcionalmente, que naquele dia sentia-se confortável na própria pele, estava belíssima. Mas alguém havia espalhado para a festa inteira que Luísa era uma menina transexual, e alguns moleques foram tirar satisfação com ela. O problema? Segundo um dos meninos, ele estava a fim de Luísa, mas havia sido enganado. Disse que ele era uma vítima porque Luísa não era mulher de verdade, e por isso correu atrás dela empunhando uma garrafa de vinho quebrada. Com medo, a menina ficou uma semana sem sair de casa.

Luísa resgatou o sentimento e relatou que se percebeu destruída e invalidada, como se não pudesse existir. Se viu como o fantasma de uma mulher que não era suficiente. Fora isso, o medo de morrer revirou o seu estômago por semanas a fio. Para ela, seria o fim caso um deles descobrisse onde ela morava e cometesse alguma violência. Fora o episódio da garrafa, que quebrou Luísa em 7 pedacinhos e deixou sua autoestima em caquinhos, ela conta que está bem hoje. Ainda passa por diversas situações de preconceito, mas só quando as pessoas descobrem que ela é uma mulher trans. Por isso, para não sofrer tanto, Luísa tenta ser o mais passável possível.

LUÍSA TEM NAMORADO?

— Eu estou saindo com um cara.

— **Ele é mais velho?**

- É um ano mais velho.
- **Vocês estão em momentos parecidos?**
- Sim. Homens mais velhos acham que eu sou besta. Sei o que homem quer, mas parece que esse aqui quer algo diferente.

Após o diálogo sobre o tal “boy magia”, a menina conta que terminar a escolaridade foi muito dolorido. A adolescente sofria diversas formas de bullying, era barrada no banheiro, xingada, ameaçada e agredida. Instituições de ensino não eram um ambiente confortável para Luísa. Então, a menina teve que aprender entre murros e intimidações. Hoje, com a educação básica completa, Luísa afirma que tem o sonho de passar na Universidade Federal de Goiás (UFG) e fazer algum curso na área de biológicas, para assim conduzir pesquisas de medicamentos para pessoas trans.

MENINA DOS OLHOS AZULADOS

“A cegueira não é uma característica individual, mas sim, uma característica de um ambiente que não é acessível para pessoas com deficiência visual.”

- Tom Shakespeare

Juliana Santelli, de 21 anos, relata que nasceu com os olhos azulados. E como ninguém na família dela possuía olhos azuis, sua mãe decidiu encaminhá-la até o médico para entender o que estava acontecendo. Uma amiga da mãe da criança havia alertado que essa característica era comum em crianças com problema na visão. Então, veio o diagnóstico: glaucoma congênito aos três meses de idade.

Desde então, a pequena Ju passou por várias cirurgias nos olhos, mas acabou perdendo a visão definitivamente aos 12 anos. O glaucoma congênito é um tipo de doença rara e se manifesta através da pressão intraocular e do crescimento acelerado dos olhos em crianças e recém-nascidos. Por ser uma característica muitas vezes hereditária, ela se perguntava muito o porquê da manifestação do glaucoma em seu DNA. Contou também que lembra claramente de ficar bem atenta nas aulas de biologia para entender mais sobre a sua condição durante as aulas do ensino médio.

De maneira descontraída, Ju afirma que não enxergar nunca foi um problema ou uma falta. Para ela, a dificuldade está no fato da sociedade ainda desmerecer muito o espaço de pessoas com deficiência em comunidades. Em uma das aulas do curso de Jornalismo, a acadêmica se posicionou frente ao coordenador do curso. O que a motivou a falar naquele dia foi o fato de que a sala em que ela foi treinada para chegar dentro da instituição havia sido trocada. Durante a troca, o coordenador do curso não entrou em contato com a aluna para saber o que ela achava da alteração.

Desse modo, Juliana enfrenta algumas dificuldades para chegar até sua sala. Para ela, a atitude do coordenador como alguém que representa a instituição no curso de Jornalismo foi insensível e incoerente. Para ela, é muito difícil notar que a Universidade diz com orgulho que possui alunos com deficiência visual, enquanto falha ao exercer o cumprimento da lei de inclusão no ambiente acadêmico.

Juliana não se sente totalmente incluída. Para ela, é como se as pessoas ao seu redor "aceitassem sem incluir". Hoje, ela diz que precisa se posicionar para si mesma e para ocupar espaços. É uma forma de conquistar a sua independência e autonomia na sociedade e no meio de pessoas com as quais convive. Para ela, se posicionar como mulher negra e deficiente exigindo seus direitos é importante, porque assim ela luta por ela mesma e pelas futuras irmãs negras e com deficiência que virão depois dela.



Juliana: A menina de azul | Foto: Reprodução

“Para que uma arte sobreviva, ela necessita fazer escola.” - Ermínia Silva

“Elisa! Elisa! Elisa!”, eu escutava em coro enquanto adentrava o Circo Laheto. Um misto de curiosidade e leve euforia invadiram-me ao ouvir as crianças torcendo por Elisa.

Confesso que antes de chegar, senti medo. O circo ficava no meio da cidade, mas o local era repleto de árvores, muito mato e estrada de terra. Essa combinação fez com que eu notasse o local como ermo em uma primeira impressão. Fora isso, tive dificuldade para encontrar a entrada principal. Assim que me localizei, me encantei com o espaço, já que por um momento foi como se tivesse me transportado para um pequeno sítio. As árvores eram tantas que miquiavam os prédios ao redor, e aos poucos notei que os sons dos carros que passavam no asfalto foram se distanciando. Em seguida, me vi completamente mergulhada no momento presente.

Cassiane, uma das monitoras do circo, notou minha chegada, veio andando em minha direção, perguntou meu nome e ofereceu um café.

— Oi, bom dia! Qual o seu nome?

— **Bom dia! Me chamo Duda. Vim entrevistar o Maneco.**

— O Maneco está na sala dele. Você aceita um café? Enquanto isso, vou até ele comunicar a sua chegada.

— **Aceito, sim!**

Enquanto Cassiane me guiava até a cozinha, passamos perto do local onde as crianças estavam aprendendo com os monitores, e foi uma alegria. Algumas delas pulavam em uma espécie de cama elástica circense, outras corriam ao redor da arquibancada, e algumas estavam apenas paradas, observando o movimento.

Duas mulheres estavam preparando lanche para as crianças quando chegamos na cozinha. No dia, o protagonismo da merenda era todo para o pão de forma com margarina. Cassiane pediu copos de vidro, pegou a garrafa de café e, enquanto servia, conversava com as mulheres sobre pormenores das rotinas de ensaio.

Peguei o café e Cassiane me levou de volta até onde estavam as crianças para que eu não ficasse sozinha na cantina. Aproximei-me da turminha e senti um cutucão na perna. Vi um menino, 100% da cara era sorriso, ar desinibido e pronto para ser um miniamigo.

— Ôooo, tia! Tia, tia! Olha minha blusa, que eu ganhei.

— **Que legal! Quem te deu?**

— Foi ali, ó... — falou enquanto apontava o dedinho para uma espécie de trailer-sala com a pintura de um palhaço e a frase “Pedagogia do Circo” escrita.

Enquanto aguardava o Maneco, sentia como se estivesse sendo absorvida para dentro de uma rede de afeto. O amor, o carinho e o capricho do homem-palhaço se tornaram palpáveis e pude perceber o reflexo na alegria das crianças. Os pequenos eram engraçados, curiosos e inteligentes. Vestiam as pernas de pau como se precisassem delas para andar pela vida. As pernas de pau eram duras, mas as crianças não eram. Estavam em processo de amolecimento pela arte e isso fazia com que o medo de cair sumisse.

Valdemir de Souza nasceu em Santa Catarina, no dia 17 de setembro de 1964. Renasceu Maneco aos 4 anos de idade. Sempre foi uma criança peralta e recebeu o apelido na infância — que, por sinal, daria vida ao seu personagem na palhaçaria, porque para as pessoas da cidade onde cresceu, ele era um “Zé” muito engraçado.

Maneco adotou a virtude de rir para a vida porque nasceu em um contexto de muita dificuldade. Teve uma infância impossível, conheceu a fome, a dor de não ter acesso à educação e o desconforto da falta de saneamento básico.

Apesar do contexto de dificuldades, Maneco era um jovem sonhador e começou a enxergar sentido e beleza na vida através da arte circense. Um dia

daqueles em que a gente vive como se não fosse morrer, Maneco se apaixonou pela consciência social do Bispo Pedro Casaldáliga, que pregava sobre a importância da defesa dos direitos humanos e se posicionava política e religiosamente a favor dos mais pobres na sociedade. Os ideais do padre o influenciaram intensamente.

Em 1992, Maneco ofereceu uma atividade em Santa Teresinha, no Mato Grosso, para um grupo de crianças. O circo chegou na região e os pimpolhos demonstraram forte interesse em perna de pau, malabarismo e palhaçaria. Então, o artista tirava um tempo das atividades e ensaios e parava para treinar as crianças.

“Foi tão gratificante o resultado, tão apaixonante, que carreguei para a vida. Como a cidade era pequena, em poucos dias, todo mundo me conhecia como o professor palhaço, e por onde eu passava me cumprimentavam. Isso me encantou.”

Foi após a visita a Santa Teresinha que Maneco decidiu continuar levando o circo social para as crianças. Aos 28 anos, enquanto ainda estava pelo Mato Grosso, conheceu sua esposa, e em três meses de namoro ela o convidou para “juntar os trapos”. Quando Maneco chegou em Goiânia, passou a se empenhar pelo sonho de conquistar um espaço para montar o circo.

- O que é a pedagogia do circo para você?
- **Costumo dizer que a pedagogia do circo é a última das tecnologias de educação. Ela fornece aquilo que o jovem urbano não tem hoje, que é o pé de manga para subir, o muro, os espaços abertos, os desafios e a superação de limites. A criatividade desenvolvida dentro das dinâmicas do circo busca estimular as crianças, e não moldá-las dentro do modelo de ensino tradicional.**
- Por que eu sinto que entrar aqui no circo é entrar no seu coração?

— **Porque ele é um espaço construído para receber bem as pessoas. Para que os jovens e as crianças se sintam parte deste espaço.**

— É como se você fosse um grande pai?

— **É. Minha filosofia de educação não está na exclusão, na divisão. Está em acolher e dialogar permanentemente. O amor faz parte da educação, como todos os elementos que construímos na nossa cultura.**

— Qual foi o maior desafio que você enfrentou aqui?

— **São vários desafios. No Brasil, sobreviver como organização não-governamental não é fácil. A gente tem muitos desafios porque faltam políticas públicas que nos respaldam. Então, uma hora você tem recurso, outra hora você não tem recurso.**

De repente, noto que o rosto do Maneco se transforma em uma máscara de Pierrô. O Pierrô é um personagem da Commedia dell'Arte, conhecido como um arquétipo de palhaço que se expressa através da natureza triste e melancólica em seu ser. O grande amor de Pierrô se chama Colombina, que deixou a vida do palhaço cinza depois de trocá-lo pelo Arlequim, personagem sedutor e cheio de cores.

A Colombina do Maneco é o circo. Por mais que ele a ame, ela sempre vai quebrar um pouco seu coração. Não porque o circo-colombina o troca por outro palhaço, mas porque só se ama quando as faltas sustentam o desejo.

Pessoas só amam porque acreditam que o amor as fará descobrir algumas verdades sobre si. Se a resposta nunca chega e você acredita que está sempre perto de fazer a grande descoberta, o amor dura. Quis abraçá-lo. Não consegui, precisava seguir com a entrevista.

Na pandemia causada pela Covid-19, ainda no ano de 2021, Maneco ficou sem a lona do circo. Fortes chuvas causaram a queda da sua saia de pai-lhaço

que acolhe todos. Devido à crise financeira, os recursos foram cortados e o circo social sobreviveu com muitas dificuldades até o primeiro semestre de 2023.

“Eu, inclusive, estou ressuscitando das cinzas. Esse mês comecei a me sentir operando com 70% da minha capacidade, porque até então estava em 40%.”

Parei por uns instantes e me perguntei a qual capacidade ele se referia. Alguns segundos se passaram e entendi que ele estava enunciando sua esperança.

“Foi muito difícil. Precisei demitir equipes, jovens que estavam aqui há vários anos. Foi preciso muita adaptação para sobreviver.”

A esperança é algo muito importante para o Maneco. Porque o que ele projeta nas crianças que passam por dificuldades e frequentam o Circo é a esperança do amor impossível pela arte que o salva e o machuca. É chaga de um amor que o levanta e o transforma todos os dias, mas que também o derrota. Buscar as crianças em escolas públicas três vezes na semana é uma maneira de materializar o amor que ele sente através do ensino, do brincar e do chamego que só a felicidade quebrada de um pai-lhaço pode prover.



Maneco: O Pai-Ihaço | Foto: Eduarda Albuquerque

AGRADECIMENTOS AOS PERSONAGENS

Agradeço a Gilmar pela abertura e pela conexão.

Agradeço a Gisele pela confiança e por ter permitido que eu a acompanhasse e a observasse por alguns dias.

Agradeço ao personagem da crônica “Entrevista com a Fome” pela sinceridade.

Agradeço a Valdeci por me receber em sua casa e expor sua história.

Agradeço a Thiago Perné por me mostrar sua leveza.

Agradeço a Luísa por me contar sua vida.

Agradeço a Juliana pelo amor compartilhado dentro do jornalismo e pela amizade que construímos fora do curso.

Agradeço a Maneco, por abrir seu coração junto ao circo.